

Uma [Muito]
Breve História
da Economia

*Daniel
Cohen*

«Quantas vezes vi, desejei imitar quando fosse livre para viver à vontade, um remador que, tendo largado o remo, se deitara de costas, com a cabeça estendida, no fundo do seu barco, e, deixando-o à deriva, conseguindo ver apenas o céu que lentamente passava por cima dele, trazia no rosto o prenúncio da felicidade e da paz.»

MARCEL PROUST

À sombra das raparigas em flor

Índice

<i>Prefácio</i>	II
<i>Preâmbulo do editor</i>	17
<i>Introdução</i>	21

I. GÊNESE

O nascimento da economia	27
A lei de Malthus	31

II. PROMETEU LIBERTADO

A Revolução Industrial muda tudo	39
O carvão e os escravos	43
Os grandes pensadores	47

III. PROSPERIDADE E DEPRESSÃO

1929	57
Keynes, o iconoclasta	65

IV. A IDADE DE OURO E A SUA CRISE

Anos míticos	71
O choque petrolífero	73
O nascimento dos ultraliberais	75

V. O NOVO CAPITALISMO FINANCEIRO

A nova era das desigualdades	79
A crise do <i>subprime</i>	83

VI. A GLOBALIZAÇÃO

A Companhia das Índias, a primeira multinacional	89
O regresso da China	95

VII. A REVOLUÇÃO DIGITAL

<i>Homo numericus</i>	105
A era do robô pensante	111
A taylorização do afeto	115

VIII. O CRASH ECOLÓGICO

O planeta congestionado	123
Colapso	127

IX. A FELICIDADE INTERNA BRUTA

Toda a gente procura a felicidade!	137
A felicidade epicurista	143
<i>Conclusão</i>	153
<i>Posfácio</i>	157

Prefácio

por Esther Duflo, Prémio Nobel da Economia

Daniel Cohen deixou-nos a 20 de agosto de 2023, com setenta anos.

Aos setenta, segundo nos diz no último capítulo desta obra, encontramos o nível de felicidade de uma pessoa de trinta anos. E, por vezes, diz-nos também, alcançamos a criatividade de um Beethoven no final de vida, quando, livre da obrigação de agradar, desafiava as normas e os códigos musicais da época e compunha as suas cinco sonatas tardias (Op. 101, 106, 109-111¹), uma música «crepuscular» de excepcional originalidade e brilho. Infelizmente, Daniel Cohen não terá tido tempo para desfrutar da felicidade dessa idade, nem para se deleitar com uma obra crepuscular.

O livro que o leitor tem nas mãos recorda-me ainda outra obra de fim de vida, a *Missa em Si menor*, de Johann Sebastian Bach. Concluída um ano antes da morte do compositor, a *Missa em Si menor* é uma obra magistral, em grande parte composta a partir de peças criadas durante a sua carreira. É muitas vezes considerada a consagração de uma vida, uma síntese de todas as contribuições estilísticas e técnicas de Bach, e simultaneamente uma profunda reflexão espiritual.

¹ Que recomendo vivamente na interpretação de Igor Levit (pela Sony), sem esquecermos de que se trata do seu primeiro álbum.

Para o neófito, a *Missa em Si menor* é uma introdução inesquecível à música coral de Bach. Para quem se alimenta da sua música, é um refúgio, um lugar musical onde pode encontrar, como se fossem velhos amigos, os momentos essenciais do seu trabalho.

Da mesma forma, este livro retoma temas recorrentes na obra de Daniel Cohen. Ao contrário da *Missa em Si menor*, tão longa que raramente dela desfrutamos na íntegra, é compacto. Numa centena de páginas, retoma os temas essenciais que percorrem a sua obra e o seu pensamento: o da dor do crescimento exponencial, da tensão entre um mundo limitado e um desejo infinito, da globalização, do declínio das civilizações, das tensões da era digital, do significado e da busca da felicidade. Encontramos igualmente personagens familiares: Marcel Proust, Jared Diamond, Richard Easterlin, Jean Fourastié, Leonard Cohen, Milan Kundera, mas também a Barbie...

Tudo isto é narrado pela voz única de Daniel. Entregou o manuscrito em janeiro de 2023, algumas semanas antes de ser hospitalizado devido a uma doença súbita, e não teve oportunidade de proceder à sua revisão. Se há alguma oportunidade para nós, no meio neste infortúnio, é este manuscrito em bruto. Porque o que perdemos em «polimento», ganhamos em imediatismo. Mesmo na escrita, percebem-se as modulações de tom, as incursões nos agudos, a movimentação das mãos e o brilho que o caracterizavam.

No capítulo atinente ao «*Homo numericus*», esta frase comoveu-me: «A ideia de que podemos ressuscitar os mortos com base no seu “histórico” é absolutamente assustadora e perfeitamente credível.» O trecho faz referência a um episódio da série televisiva *Black Mirror*, no qual uma jovem

recorre a uma versão (fictícia e antecipatória) do ChatGPT para trazer de volta à vida o marido falecido num acidente de viação, servindo-se dos seus textos, *e-mails* e escritos para prever o que ele teria dito em todas as situações. Neste livro, Daniel Cohen presenteou-nos com a sua inteligência, totalmente natural, deixando-nos um pouco de si próprio ao oferecer-nos um resumo da sua obra numa pequena joia. Embora não haja nada de angustiante nisso, será difícil para os seus inúmeros amigos e alunos lerem este livro sem tristeza: o autor está tão presente nestas páginas, que alguns terão vontade de almoçar com ele para discutirem o assunto.

Aos que estão a descobrir Daniel Cohen, este livro irá proporcionar-lhes uma visão geral do seu pensamento, uma visita guiada pelos pontos de referência, que poderão aprofundar lendo cada um dos seus livros anteriores. Descobri verdadeiramente a economia ao ler (certa noite, no meu quarto de estudante da recém-inaugurada Universidade de Ciências Humanas) o manuscrito de *Les infortunes de la prospérité*. Esta leitura mudou a minha vida, abrindo-me à riqueza da disciplina quando esta é praticada, como deveria ser, como ciência humana. Arrisquemo-nos a dizer que este livro terá o mesmo efeito sobre jovens aspirantes a pensadores, quer sonhem em ser economistas, historiadores, filósofos ou políticos.

Embora esta obra seja póstuma, não foi concebida como um testamento. Na altura em que a escrevia, Daniel Cohen estava cheio de vida e de projetos: aposentara-se recentemente da École Normale e era o novo presidente da École d'Économie de Paris, instituição que ajudara a fundar, contribuindo assim para uma transformação profunda da ciência económica

em Paris. Queria compreender o mundo em que vivemos, com os seus conflitos e tensões, para o poder mudar.

E assim, tal como a *Missa em Si menor*, o livro é mais do que a antologia de uma carreira. Aplicadas a um novo contexto (a missa católica completa para Bach, o mundo pós-covídico para Cohen), as lições da experiência acumulada proporcionam novas perspetivas.

O que exige esta nova perspetiva é uma certa preocupação, que domina a última parte do livro, antes das páginas finais.

Não faltam fontes de ansiedade.

«A China preocupa-me», escreve Daniel Cohen, citando Madame de Guermantes. A gestão da crise da covid-19 na China, que privilegiou a política de «covid zero» em detrimento da atividade económica, acelerou uma transição que, provavelmente, era inevitável: o declínio demográfico, os excessivos níveis de poupança e a dependência da economia em relação à procura global só poderiam resultar num declínio do crescimento na China, uma desaceleração semelhante à experimentada pela França no final dos Trinta Gloriosos. A diferença, porém, é que, na China, o contrato implícito estabelecido entre o regime e a população após Tiananmen resumia-se a «crescimento em troca de (não) democracia». À medida que o crescimento desacelera, desfaz-se o equilíbrio político. «A China continua a causar preocupação.»

A inteligência artificial é, como vimos, «totalmente angustiante». No entanto, o que «causa arrepios» a Daniel Cohen não é a ideia de os robôs poderem um dia ser tão (ou mais) inteligentes do que nós, mas a desumanização, a perspetiva de irmos a um supermercado e não encontrarmos ninguém. Uma lógica profunda leva a essa desumanização: enquanto os serviços pessoais são executados por seres

humanos (sejam eles médicos, empregados bancários ou de seguradoras, juízes ou empregados de restaurante), o crescimento da produtividade esbarra em limites humanos. Se as máquinas podem substituir os seres humanos, torna-se possível, em princípio, aumentar infinitamente a produtividade melhorando as máquinas. Para as empresas, é irresistível a tentação de se envolverem nesta corrida. Mas, ao perdermos as relações humanas, perdemos a razão de ser das nossas atividades e, sem dúvida, a nossa própria razão de ser. Um robô de pele bem macia nunca será capaz de substituir uma enfermeira que cuida com carinho de uma pessoa idosa.

As alterações climáticas constituem uma nova fonte de uma possível catástrofe. Sobre este assunto, novamente, ao contrário da maioria dos autores, Daniel Cohen não se detém na descrição física do problema ou das suas soluções técnicas, mas sim na dificuldade política que os seres humanos têm em concordar com a própria importância das alterações climáticas e, por conseguinte, com as suas soluções. E Cohen não vê uma saída fácil para este conflito, que deflagra tanto entre as nações (os pobres e os ricos) como no seio destas.

É, porém, a pista sugerida para sairmos da crise climática que revela a existência de uma nova ideia, que futuros livros certamente teriam desenvolvido: a de que não podemos esperar ter uma solução completa antes de dar o primeiro passo para mudar o mundo. Em vez de desesperarmos com a ideia de que, se os chineses e os norte-americanos não mudarem de comportamento, é inútil mudarmos o nosso, devemos começar por mudar o que podemos mudar, à nossa escala. E isso não só, ou talvez nem sequer primordialmente, para mudarmos o mundo exterior, mas sobretudo para nos mudarmos a nós próprios.

Leremos nestas páginas que «não devemos distinguir entre reflexão e ação» e que «é fazendo as coisas que transformamos a nossa imaginação. É necessário começarmos a viver de forma diferente, mesmo que os primeiros passos sejam simbólicos, para aprendermos a construir um mundo novo. Importa sentirmos não só tristeza diante do mundo que está a ruir, mas também alegria por aquele que é possível».

Sempre admirei Daniel Cohen pela sua visão abrangente. Tinha o dom de pintar um quadro magistral da economia, da política, das relações internacionais, em poucas pinceladas. Estou em crer que me terá apreciado sempre pela minha determinação em enfrentar «pequenos» problemas da forma mais rigorosa possível, uns atrás dos outros.

No entanto, uma dúvida perturba-me há alguns anos: será essa abordagem de múltiplos pequenos passos suficiente perante a imensidão dos problemas que se nos deparam atualmente? As últimas páginas deste livro mostram claramente que havia uma dúvida simétrica que também atormentava Daniel: não consegue apresentar-nos uma solução simples para os problemas que suscita.

Da síntese destas duas preocupações nasce uma nova esperança, a sua última dádiva para mim (e para todos nós): a sua ambição era imensa, e os objetivos que estabelece para o leitor neste livro também o são. Trata-se, nada mais, nada menos, do que repensar o trabalho, a escala de valores e a cooperação internacional. Contudo, a única forma de o podermos fazer é começando por algum lado, de acordo com as nossas capacidades, esta transformação de nós próprios. Resta-me tentar realizar, em sua memória, o projeto que nos atribui: «Compete-nos agora repensar a ideia que temos de um mundo em harmonia consigo mesmo, que nos faça sentir “o prenúncio da felicidade e da paz”.»

Preâmbulo do editor

Uma (muito) breve história da economia será, pois, o último livro de Daniel. É fruto da sua incrível curiosidade e do seu insaciável desejo de transmissão. Este magnífico texto, no qual a concisão rivaliza com a erudição, tem origem na sua vontade de cativar os leitores a quem o livro cause desagrado ou temor. «Como hei de chegar até eles?», perguntou-me, um dia, em 2022. Para o provocar, para prolongar uma discussão que poderia transformar-se num projeto de livro — não teria sido, aliás, a primeira vez — respondi-lhe: «Já pensaste numa banda desenhada?» Ao que ele me respondeu: «Por acaso, já pensei!»

Era esta velocidade estonteante que constituía, ao mesmo tempo, o encanto deste amigo irresistível, insubstituível e a base do seu carisma. Discutimos então a possibilidade de contratar um escritor que sintetizasse os vinte livros que publicara ao longo dos anos, sempre em editoras de nomeada reputação — Le Seuil, Flammarion, Grasset —, antes de se juntar à Albin Michel, à qual imponho a minha presença já há alguns anos e na qual recebeu, desde o início, o apoio cúmplice de Richard Ducousset e, ao mesmo tempo — uma configuração sempre promissora na empresa — o entusiasmo determinado daquele que não deixa de ser o nosso acionista e ex-presidente, Francis Esménard de seu nome. É esta

atmosfera editorial tão peculiar, pautada pela liberdade de pensamento, por mentes independentes, mas também por uma certa benevolência, que nos leva a não descartar *a priori* nenhuma ideia, mesmo as mais inesperadas.

Com Gilles Haéri, a quem agora está entregue a responsabilidade da casa, rapidamente encorajámos Daniel a concretizar este ambicioso projeto. Acabara de escrever a trama narrativa do futuro livro. Ao mesmo tempo, acalentava há muito a ideia de resumir o seu pensamento num livro algo diferente dos demais, que ele apresentava assim: «E se fizéssemos agora a economia explicada a Pauline?» Tratava-se, naturalmente, de uma dupla alusão: primeiro, à sua querida filha e, em segundo lugar, ao *best-seller* dedicado à filosofia publicado há alguns anos.²

Para produzir este texto, para o qual Esther Duflo, uma das suas antigas alunas que traçou o seu próprio caminho — até ao Nobel! —, concordou em escrever o prefácio, Daniel inspirou-se em tudo o que escrevera ao longo do tempo — livros, é claro, mas também conferências, aulas, intervenções, debates, acabando por elaborar a magistral síntese que ora se nos oferece. Concluída esta ambiciosa empreitada, Daniel não tardou a admitir que o seu texto era demasiado rico, demasiado erudito, por assim dizer, para dar origem a uma banda desenhada. Disse-me então, esboçando um sorriso: «Seja como for, alguma coisa faremos com ele.» E acrescentou com uma gargalhada: «Talvez até um livro, quem sabe?»

² Wickham refere-se a *La philosophie expliquée à ma fille*, da autoria de Roger Pol Droit (Paris, Le Seuil, 2014), do qual existe a seguinte versão em língua portuguesa: *A filosofia explicada à minha filha*, tradução de Cláudia Berliner, São Paulo, Martins Fontes, 2005. (N. do T.)

E é desta forma que chega ao leitor este texto, que conta uma história que julgamos conhecer, mas que este mestre do pensamento concebeu atravessando, como sabia fazer, não apenas a economia, obviamente, mas também a História, a sociologia e até a antropologia. A sua leitura, que transmite uma forma de esperança, mais necessária do que nunca, irá estimulá-lo, assim o espero, tanto quanto a mim.

Alexandre Wickham

Introdução

O crescimento económico é a religião do mundo moderno. É o elixir que apazigua os conflitos, a promessa de um progresso indefinido. Oferece uma solução para o drama comum da vida humana, que é querer o que não se tem. Infelizmente, tornou-se intermitente, fugaz. Os colapsos sucedem-se aos períodos de expansão, e os períodos de expansão aos colapsos. Como os feiticeiros que pretendem desencadear a chuva, os políticos erguem as mãos ao céu para fazê-la cair, agravando o ressentimento dos povos quando ela não vem ao seu encontro. Enquanto procura bodes expiatórios, o mundo moderno evita, porém, a questão central: o que aconteceria se a promessa de crescimento indefinido se tornasse vã? Seria o mundo capaz de encontrar outros motivos de satisfação ou cairia no desespero e na violência? Numa altura em que milhares de milhões de pessoas estão a pôr em perigo a viabilidade do planeta, precipitando-se na busca frenética de riqueza material, tornou-se essencial fazermos uma reflexão aprofundada.

O insigne economista inglês John Maynard Keynes, escrevendo nos anos 1930, alertava contra o pessimismo do seu tempo, e a sua mensagem de esperança continua a ser inspiradora nos dias de hoje. Apesar da crise iminente, Keynes insistia que era importante não errarmos no diagnóstico.

Em breve, o «problema económico» ficará resolvido, garantia, como sucedera, um século antes, ao problema alimentar. Extrapolando o ritmo do crescimento industrial, Keynes afirmava destemidamente que, em 2030, as pessoas poderiam trabalhar três horas por dia e dedicar-se às tarefas verdadeiramente importantes: arte, cultura, metafísica... Infelizmente, a cultura e os problemas metafísicos não se tornaram as questões principais do nosso tempo. As sociedades modernas continuam a buscar mais do que nunca a prosperidade material, apesar de se terem tornado seis vezes mais ricas do que na altura em que Keynes escrevia. Este homem eminente previra perfeitamente a prosperidade que estava por vir, mas falhara rotundamente na previsão do que faríamos com ela. Como tantos outros, não avaliou a extraordinária cegueira do desejo humano, disposto a sacrificar tudo quando se trata de encontrar o seu lugar no mundo. «Satisfeitas as necessidades primordiais, e por vezes até antes», escreve René Girard, «o homem deseja intensamente, mas sem saber o quê. Porque é o ser que ele deseja, um ser do qual se sente privado e com o qual alguém lhe parece ter sido agraciado...» O crescimento deixou de ser um meio para atingir um fim, para se tornar um fim em si mesmo, que permite às pessoas escaparem do tormento da existência.

Georges Bataille analisara, em *La part maudite*³, esta maldição repetida das sociedades humanas de quererem «explorar todas as possibilidades», como se essa fosse a única forma de compreenderem a sua verdade. Será que podemos escapar

³ Edição portuguesa: *A parte maldita, precedida da noção de despesa*, introdução de Jean Piel, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fim de Século, 2005. (N. do T.)

a esta maldição? Será que podemos enfrentar o desafio climático sem termos de passar pelo caos? São estas as questões candentes às quais a finitude do mundo nos obriga a responder e que nos conduzem numa longa jornada para compreendermos o desejo humano e os domínios nos quais se tem expressado ao longo da sua história.

I

GÉNESE

O nascimento da economia

Durante muito tempo, o único problema económico da humanidade prendeu-se com a alimentação. E durante muito tempo, desde o início dos tempos até à invenção da agricultura (há apenas dez mil anos), o Homem alimentou-se colhendo livremente o que a Natureza lhe oferecia. «Sabemos hoje que os povos descritos como “primitivos”, que desconhecem a agricultura e a pecuária e que vivem principalmente da caça e da pesca, da colheita e recolha de produtos selvagens, não são atormentados pelo medo de morrerem à fome e pela angústia de não conseguirem sobreviver num ambiente hostil. A sua pequena dimensão demográfica e o seu prodigioso conhecimento dos recursos naturais permitem-lhes viver naquilo a que provavelmente hesitaríamos em chamar abundância. Dispõem de mais tempo livre, o que lhes permite dar asas à imaginação, interpondo entre si e o mundo exterior, como almofadas amortecedoras, crenças, devaneios, ritos, em suma, todas essas formas de atividade que denominaríamos religiosas e artísticas.» Este magnífico texto de Lévi-Strauss pinta um quadro risonho das sociedades primitivas, que o antropólogo Marshall Sahlins também celebrou. Como no Jardim do Éden, as sociedades de caçadores-recoletores vivem com abundância e despreocupação, trabalhando apenas duas a quatro horas por dia para assegurar a subsistência de todos.

Esta imagem ideal das sociedades de outrora deve, porém, ser encarada como um mito no qual não podemos acreditar piamente, embora demonstre a incrível flexibilidade dos seres humanos nas suas formas de conceber o mundo em que vivem. A ideia de que as sociedades de caçadores-recoletores desconhecem o esforço e a acumulação de riqueza não é, de facto, tão geral quanto julgavam Lévi-Strauss e Sahlins. Existem muitos outros modelos que diferem deste. Os recoletores do noroeste da Califórnia, por exemplo, são conhecidos pela ganância. Segundo David Graeber e David Wengrow, «a sua existência girava em torno da acumulação de dinheiro (sob a forma de moeda-concha) e de tesouros sagrados, e a ética rigorosa de trabalho que tinham desenvolvido estava direcionada para esse único propósito»⁴. Os homens não esperaram pela agricultura para explorar todas as possibilidades da vida social.

A revolução agrícola

A humanidade aprende então a cultivar a terra e a fazer aumentar os seus rebanhos. É o momento em que, parodiando Rousseau, alguém ousa vedar uma parcela de terreno e dizer: «Isto é meu.» O enorme impacto representado pela invenção da agricultura revolucionou a vida humana. Um aquecimento global (por volta de 9600 a. C.) poderá ter sido a causa. Já na altura. Começa no Crescente Fértil, essa longa faixa de terra que vai das margens do Jordão às do Tigre e do Eufrates. Durante alguns séculos, aí se cultivou cevada e trigo,

⁴ D. Graeber e D. Wengrow, *Au commencement était... Une nouvelle histoire de l'humanité*, Paris, Les Liens qui Libèrent, 2021.

com sementes significativamente maiores do que as versões selvagens anteriores. Em menos de mil anos, a agricultura torna-se uma ciência. A humanidade aprende a utilizar de forma «eficiente» os animais. Já não se trata de matá-los imediatamente por causa da carne, mas sim de criá-los para aproveitar a lã e o leite, ou para puxarem carroças.

A invenção da agricultura não é exclusiva do Próximo Oriente. Podemos identificar pelo menos mais três ou quatro fontes. Na China, a Revolução Neolítica terá ocorrido por volta do ano 7500 a. C.; na Mesoamérica e nos Andes, por volta de 3500 a. C.; no leste da América do Norte, mil anos mais tarde. A propagação da agricultura ocorreu de vários modos. Por vezes, os caçadores-recolectores adotaram-na espontaneamente, por se revelar mais eficaz. A alta tecnologia afasta a má. Outra forma é mais violenta. Assim, os agricultores maoris exterminaram os seus vizinhos caçadores-recolectores, os morioris (numa região atualmente situada na Nova Zelândia), por serem mais numerosos: é a superioridade numérica que prevalece. A mesma pressão pode ser exercida indiretamente, quando os agricultores destroem o ecossistema que permitiu a vida dos caçadores-recolectores: os animais selvagens fogem, as plantas selvagens tornam-se inacessíveis. De qualquer forma, pela força ou pela persuasão, entra em jogo uma forma de darwinismo tecnológico. A técnica mais poderosa arrasta tudo à sua frente.

Existem alguns contraexemplos em sociedades que resistem. Os aborígenes australianos, enquanto negociavam com agricultores vizinhos, conseguiram durante bastante tempo preservar as suas sociedades de caçadores-recolectores. Trata-se, porém, da exceção a uma regra que, à falta de melhor termo, designaremos por *tirania da produtividade*.

Nascimento das civilizações

A abundância e o sedentarismo permitem o armazenamento de alimentos. O excedente permite alimentar uma «classe ociosa». Os reis, as suas burocracias, os sacerdotes e os guerreiros separam-se gradualmente dos camponeses. Entra em jogo um processo de inovações. Entre 10 000 e 7000 a. C., o domínio da pedra intensifica-se, os agricultores inventam a cerâmica, as primeiras máquinas de tecelagem, a arquitetura. Os ferreiros da Anatólia descobriram o bronze em 3500 a. C., o ferro por volta de 1000 a. C. Os burocratas inventaram a escrita por volta de 3000 a. C. na Suméria e na China por volta de 1300 a. C. Os poetas gregos inventaram vogais por volta de 800 a. C. No final do segundo milénio, entre os séculos XIII e IX, a martelagem do bronze para fazer vasos, capacetes, couraças ou escudos tornou-se uma técnica amplamente praticada: encontramos agora no limiar do mundo que conhecemos através da *Iliada*.

Muitas vezes, as descobertas são feitas múltiplas vezes (é o caso da escrita ou do bronze). Por vezes, um exemplar é copiado de forma idêntica pelas sociedades que estão em contacto com o inventor. É o caso do alfabeto. É também, por assim dizer, o caso do cavalo, que originalmente existia num único lugar, a Ucrânia, e que depois percorreu o mundo carregando às costas guerreiros, aos quais dava uma vantagem decisiva. Estas descobertas levarão as sociedades humanas a níveis crescentes de complexidade social. As chefias tornam-se reinos e depois impérios. As grandes civilizações sumérias, egípcias, minoicas, indianas ou chinesas nascerão na sequência destas invenções.

A lei de Malthus

A agricultura dá início a uma explosão demográfica, ainda hoje em curso, que esmagou a biodiversidade, pois as outras espécies não têm meios para se adaptar à nossa evolução num período tão curto. Há cerca de 300 000 anos, quando o homem moderno começou a sua aventura, a sua população chegava às centenas de milhares, no máximo um milhão. Uma primeira rutura ocorre entre os anos 40 000 e 35 000 a.C. A população humana atinge quatro ou cinco milhões. Começa então, com a agricultura há 10 000 anos, um novo percurso. Ultrapassa os 10 milhões quando surgem as grandes civilizações do Médio Oriente, depois os 100 milhões quando estas desaparecem, por volta do ano 1000 a.C. A população humana transpõe então todos os patamares para alcançar 250 milhões na época de Cristo, 1000 milhões em 1800, 2000 milhões em 1930, 7000 milhões atualmente e, sem dúvida, 10 000 milhões em 2050.

Independentemente dos progressos alcançados pelas civilizações humanas, entra em ação uma lei implacável: a pressão demográfica anula irresistivelmente o benefício desses progressos. De modo geral, os progressos alcançados a nível nutritivo ou no estilo de vida reduzem a mortalidade infantil. Os adultos também vivem mais tempo,

o que acarreta um aumento da esperança de vida das mulheres e do número de nascimentos. Ambos os fenómenos conduzem a um incremento do número de seres humanos que vivem em determinada região. Se cada mulher tiver seis filhos que lhe sobrevivam, entre os quais, digamos, três filhas, o tamanho duplicará em menos de um século. A superpopulação dilui rapidamente o benefício da riqueza abundante. O crescimento populacional só se detém quando reina a fome. É a chamada lei de Malthus: à medida que a humanidade progride, é o tamanho da população que aumenta, e não, em média, o seu nível de vida...

A lei de Malthus parece extravagante, como já referi várias vezes. Será possível que os rendimentos tenham estagnado ao longo de milénios e milénios da existência humana? Esta lei, porém, é confirmada pelos mais recentes trabalhos de economia quantitativa. Gregory Clark faz comparações ousadas num livro incrível, *Um adeus às esmolas*⁵. Mostra que, na Babilónia (entre 1880 e 1600 a. C.), a jorna equivalia a 15 libras de trigo. Em Inglaterra, em 1780, está quase ao mesmo nível, com 13 libras de trigo! Comparando a agricultura inglesa, uma das mais produtivas da Europa no século XVIII, com a das sociedades «primitivas», os resultados são ainda mais surpreendentes. Um camponês inglês produz cerca de 2600 calorias (de trigo, carne e gordura) por hora. Muitas das chamadas sociedades primitivas fazem muito melhor. Os *kaulus*, na Indonésia, produzem

⁵ G. Clark, *Farewell to alms. A brief economic history of the world*, Princeton University Press, 2007. [Edição portuguesa: *Um adeus às esmolas: uma breve história económica do mundo*, tradução de Maria Carvalho, revisão científica de Pedro Ferreira da Silva, Lisboa, Bizâncio, 2008. (N. do T.)]

4500 calorias, enquanto os *mekranotis*, no Brasil, fornecem 17 600. Se acrescentarmos, seguindo o pensamento de Lévi-Strauss, que muitas sociedades de caçadores-recoletores trabalhavam apenas algumas horas por semana, afigura-se-nos que terá ocorrido uma extraordinária degradação da condição humana ao longo dos cerca dos dez mil anos que separam a descoberta da agricultura da era industrial!

A ciência sinistra

O paradoxo central da civilização agrária é, portanto, o seguinte: a agricultura, feita para alimentar melhor os seres humanos, leva (em todo o lado) a uma sociedade onde reina a fome! A história económica manifesta-se, a esta luz, como uma sinistra alternância de expansão e de crises. Expansão quando os recursos abundantes libertam a demografia. Crises quando a dinâmica demográfica se depara com a escassez de recursos.

A lei de Malthus valeu à economia o epíteto de «ciência sinistra» (*the dismal science*). Para os pensadores do Iluminismo, como Condorcet em França, a miséria e a infelicidade não resultam de uma «má» natureza humana, mas sim de maus governos. Malthus, cujo pai, porém, era um admirador do Iluminismo, quer mostrar exatamente o contrário: que o bom governo acaba por ameaçar o bem-estar público. O que parece ser um bem — a paz, a estabilidade, a higiene pública — transforma-se numa maldição: porque todas elas favorecem a expansão demográfica e, em última análise, a miséria. Por outro lado, os vícios como a guerra, a violência, a má vida, criam uma situação oposta: quebram

a expansão demográfica, que permite (aos que sobrevivem) viverem melhor. Por exemplo, a grande peste bubónica que afligiu a Europa a partir de meados do século XIV melhorou a situação económica dos sobreviventes...

No mundo pré-industrial, uma alta mortalidade é uma coisa benéfica: equivale a muito menos bocas para alimentar. O que não ajuda nada é o facto de os europeus não tomarem banho. Quando o teatro Globe foi inaugurado para as primeiras representações de Shakespeare, havia disponível apenas uma casa de banho para os cerca de 1500 espectadores que o teatro podia acolher! Os clientes iam fazer as suas necessidades ao jardim adjacente, e até no próprio teatro, nos degraus ou nos corredores... O pátio de Versalhes também era conhecido pelo seu terrível odor.

Quaisquer que sejam os costumes, em última análise, o planeta é povoado por uma massa crescente de pessoas famintas! Quanto mais soluções fornecermos, pior será o problema. A população mundial duplicava a cada mil anos durante os últimos oito milénios; começou a duplicar a cada século e depois a cada meio século! Usou-se a expressão «bomba demográfica» para caracterizar esta corrida mortal na qual as técnicas se multiplicam para contornar a desnutrição, agravando, a uma escala cada vez maior, o problema que é necessário resolver. Nos anos 1960 foi feita uma extrapolação das tendências atuais do século XX. O estudo concluiu que a população da Terra estava programada para explodir, para se tornar infinita, a 13 de novembro de 2026!

Um ensaio apaixonante, profundamente humanista, por um dos intelectuais mais influentes do século XXI.

Da charrua ao digital, passando pela derrocada ambiental e o novo capitalismo financeiro, o economista Daniel Cohen faz uma síntese das principais etapas da evolução da economia e apresenta uma leitura abrangente das dinâmicas que modelam o mundo em que vivemos.

Quais são as nossas verdadeiras necessidades? Até onde vai a nossa capacidade de adaptação às consequências do crescimento ilimitado que tão ativamente temos procurado? Sobreviveremos à inteligência artificial? Revisitando as diferentes revoluções económicas que forjaram o mundo em que vivemos hoje, das primeiras sociedades à Revolução Industrial, passando pelo capitalismo e, mais recentemente, a globalização e a explosão do digital, o autor expõe os grandes desafios para o futuro: as alterações climáticas, a crescente desigualdade e a urgência de um crescimento sustentável.

Uma reflexão lúcida sobre o presente e o futuro, onde Economia, Antropologia e História concorrem para nos guiar através desta viagem ao coração do desejo humano.

Objetivamente é uma coleção da Objectiva.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 editoraobjectiva

 penguinlivros

ISBN: 978-989-583-314-6



9 789895 833146